

Sobre a questão da técnica em Heidegger

Suzane Costa Lopes Braz¹

Resumo: Este artigo visa abordar a posição do filósofo alemão Martin Heidegger acerca da questão da técnica, com isso, percorremos, por meio de cuidadoso estudo, possíveis caminhos a respeito das (re)significações que este autor faz com o conceito de técnica e da relação do homem (*Dasein*) com a mesma. Nesta perspectiva, a problemática desta comunicação gira em torno de duas questões: “Qual o posicionamento de Heidegger sobre a questão da técnica?” e “É possível relacionar este posicionamento (ainda que o autor não o faça) à contemporaneidade?”. Diante disso objetivamos refletir sobre a maneira como Heidegger aborda o tema distinguindo o seu olhar da visão instrumental-antropológica, a qual pensa a técnica com um meio para afazeres do homem. Dessa maneira, o artigo está dividida em três etapas. A primeira traz uma breve consideração introdutória sobre a questão da técnica, bem como as inquietações que nos conduziram à escrita deste artigo; a segunda aproxima-se de um questionamento filosófico, embasada na pergunta “Que é isto – a técnica?”; e faz referência, também, à dicotomia “Técnica moderna” e “Essência da técnica”. A técnica moderna relaciona-se notadamente a um modo de desvelamento do real, segundo qual tudo é recurso: a natureza é vista como depósito de energia, o homem como recurso humano. Ainda nesta etapa visamos indicar que a essência da técnica consiste em um desabrigar o real ancorado no extrair, explorar, transformar, armazenar e distribuir. Será a técnica apenas instrumento de um *Dasein* marcado pela ganância? A técnica criticada por Heidegger está embasada numa visão instrumental e/ou antropológica da mesma. Em linhas gerais, sua argumentação acerca da técnica possui um norte no distanciamento da ideia desse conceito tradicional da técnica em contrapartida à essência da mesma. A última etapa pretende apresentar as aberturas conclusivas, havendo uma retomada do questionamento inicial, enquanto desvelamento da questão da técnica.

Palavras-chave: Heidegger. Técnica. Técnica moderna. Essência da técnica.

Considerações introdutórias

A tentativa de compreender a questão da técnica em Heidegger nos convida a trilhar num caminho por vezes complexo e incontornável – isto é, mesmo com dificuldade o pesquisador não consegue se desviar da sua indagação. Este trabalho teve inicialmente como norte orientador para os pilares desta pesquisa o texto “Que é isto – a Filosofia” de Heidegger (1983). Foi desse escrito filosófico que surgiu a inquietação sobre a questão da técnica. A partir daí optamos em nos debruçar nessa questão, sobretudo por entender que ela tem intrínseca relação com

1. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

o esquecimento do Ser, também demarcado por Heidegger em parte da sua obra.

A técnica aparenta, atualmente, como algo essencial. Mas essa pesquisa embasada em Heidegger nos apresenta dois lados que a técnica possui em meio ao cotidiano do homem. Um desses lados acaba sendo tratado como “único” modo de ser da técnica e o segundo encontra-se oculto, ou até esquecido, no contexto da abertura homem-mundo.

Toda crítica lançada por Heidegger sobre a técnica faz alusão à técnica moderna – que, além de instrumental, encobre o descobrimento, a verdade. O autor aponta a essência da técnica como algo que não tem nada de técnico, mas relaciona-se ao desabrigoamento, esquecido pelo homem. Uma esperança parece ser demonstrada por Heidegger ao falar sobre a finitude ética.

Que é isto – a técnica?

Um questionamento se funda numa dúvida e\ou numa incerteza, em algo a ser desvelado; também pode ser fruto de um problema a ser estudado. O verbo “questionar”² indica a ação de perguntar, e quem pergunta, pergunta sobre algo, a fim de obter uma informação. A ação, por sua vez, implica num procedimento. Ora, o procedimento é, nada menos, que um método, uma técnica. Então, a pergunta inicial foi resolvida? Que é isto- a técnica? Um procedimento? Será a técnica apenas procedimento?

Ainda não. Não estamos seguindo o trilhar de uma simples pergunta, optamos pelo questionar e isso implica num estudo processual; isto é, por etapas. O que significa isso? Ora, o questionar é profundo, aos poucos se torna intrínseco e nos revela a essência do que antes era um problema.

2. Esses significados das palavras questionar e questionamento estão embasados no *Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de Ferreira. cf.: Ferreira, A. B. de H. *Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

A filosofia tem como característica marcante o questionamento e Heidegger, em sua bela obra, edifica isso. Ele afirma que “o questionar constrói num caminho, e que esse caminho é um caminho de pensamento.”. (HEIDEGGER, 2007, p. 375) O questionar, nos leva a pensar, indagar, querer compreender, desvelar o real. Ao indagarmos, que é isto – a técnica, estamos a construir um caminho de pensamento que não se finda no encontro com a descoberta, mas que proporciona uma infinidade de novos pensamentos a partir de um outro olhar.

Inicialmente apontamos superficialmente a técnica enquanto procedimento, método. O procedimento atém-se, inevitavelmente, ao ato de proceder; esse “ato de proceder” ancora-se numa ação e a ação, ainda que sob influência de uma força ou agente, nos remete a um movimento. Será a técnica movimento? Talvez. Mas o que é movimento?³ Basicamente, movimento é uma série de atividades com determinado fim. Em filosofia, este último termo, é conhecido pelo apelido causa.

Mas e a causa, o que é? Um fim? Só? Não seria a causa aquilo que motiva um acontecimento? Mas motiva, como assim? Motiva, impulsiona, dá razões para... A esse respeito Heidegger nos alerta:

[...] Após dois milênios e meio me parece que teria chegado o tempo de considerar o que afinal tem o ser do ente a ver com coisas tais como “razão” e “causa”. Em que sentido é pensado o ser para que coisas tais como “razão” e “causa” sejam apropriadas para caracterizarem e assumirem o sendo-ser do ente? (HEIDEGGER, 1983, p. 18)

Ora, o filósofo alerta para o problema da técnica moderna que aponta para o desvelamento do real, que reduz tudo a recurso. Para Heidegger (2007) a técnica moderna nada mais é do que razão e causa, ou seja, meio para fim, o que nos remete a uma discussão sobre as novas tecnologias e o caráter alienador do trabalho industrial.

3. Cf. FERREIRA, op. cit.

A técnica é diferente da essência da técnica. A técnica é instrumental. A essência da técnica não tem nada de técnico. Desse modo, para conhecer de fato a técnica, é preciso experimentarmos uma relação com sua essência. A esse respeito, Heidegger (2007, p. 375) assinala que “A relação é livre se abrir nossa existência (*Dasein*) à essência da técnica. Caso correspondamos à essência, estaremos aptos a experimentar o técnico (*das Technische*) em sua delimitação”.

A técnica criticada por Heidegger está embasada numa visão instrumental e/ou antropológica da mesma. Em linhas gerais, sua argumentação acerca da técnica possui um norte no distanciamento da ideia do conceito tradicional da técnica. O filósofo não trata essa visão instrumental como falsa; pelo contrário, a técnica moderna é instrumental. Mas Heidegger busca o verdadeiro que está por trás do correto.

Questionamos a técnica quando questionamos o que ela é. Todos conhecem os dois enunciados que respondem à nossa questão. Um diz: técnica é um meio para fins. O outro diz: técnica é um fazer do homem. As duas determinações da técnica estão correlacionadas. Pois estabelecer fins e para isso arranjar e empregar os meios constitui um fazer humano. O aprontamento e o emprego de instrumentos, aparelhos e máquinas, o que é propriamente aprontado e empregado por elas e as necessidades e os fins a que servem, tudo isso pertence ao ser da técnica. (HEIDEGGER, 2007, p. 376)

Será a técnica a expressão mais radical da modernidade? Heidegger não admite que a técnica seja apenas mero aparato instrumental ou simplesmente fazer humano. Ele indaga: O que é instrumental mesmo? Onde se situam algo como um meio e um fim? (HEIDEGGER, 2007, p. 377) Toda sua crítica à técnica moderna gira em torno desses questionamentos.

A técnica não é instrumento neutro nas mãos do homem, que pode usá-la para o bem ou para o mal, nem constitui acontecimento acidental no Ocidente. Para Heidegger, a realidade é que a técnica é o resultado natural daquele desenvolvimento pelo qual, esquecendo o Ser, o homem se deixou arrastar pelas coisas, tornando a realidade puro objeto a dominar e a desfrutar. (REALE e ANTISERI, 2006, p. 210)

A técnica moderna se edifica num desabrigar. Esse desabrigar se desdobra num desafiar; e quem desafia, desafia algo – nesse caso a natureza. A natureza é desafiada a suprir, não só as necessidades básicas do homem, como também e mais ainda, a sua necessidade inesgotável de “crescer”.

O desabrigar passa por quatro palavras-chave: explorar, transformar, armazenar, distribuir. O desabrigar presente na técnica moderna é um desabrigar para dominar. Mas o que dominar tem a ver com a técnica? A técnica debatida neste momento é instrumental, então a técnica é instrumento de dominação, ou é algo a ser dominado pelo homem?

O homem é possuidor de uma vontade de manipular as coisas. É nesse panorama que a natureza passa a ser mero depósito de energia, que é manipulado pelo homem, através da exploração, isto é, a exploração de energia na natureza se configura num conhecimento sobre, que possibilita a transformação a partir do conhecimento de algo, desse modo, o homem transforma o recurso retirado da natureza, armazena o que foi transformado e o distribui.

O desabrigar que domina a técnica moderna tem o caráter do pôr no sentido do desafio. Esse acontece pelo fato de a energia oculta na natureza ser explorada, do explorado ser transformado, do transformado ser armazenado, do armazenado ser novamente distribuído e do distribuído renovadamente ser comutado. (HEIDEGGER, 2007, p. 382)

Assim “tudo se reduz ao lidar de modo adequado com a técnica enquanto meio. [...] O querer dominar se torna mais eminente

quanto mais a técnica ameaça escapar da dominação dos homens” (HEIDEGGER, 2007, p 376). Mas afinal, o que é esse dominar? E esse domínio sobre, é técnico ou humano?

Ora, a modernidade isola completamente a essência da técnica, atendo-se unicamente ao instrumental; a natureza é depósito de energias e a humanidade torna-se recurso para ser dominada e explorada como qualquer outro material; ou mesmo como algo infinito. O esquecimento do Ser dá sinais de soberania.

Que é isto – o esquecimento? Não teria maior relevância questionarmos “Que é isto – o Ser? Mas justamente essa é a problemática em questão: Tudo toma o lugar do Ser. Isso é bem demarcado por Heidegger com relação à técnica. A ruptura, forjada entre o homem moderno, entre a técnica instrumental e a omissão e\ou descuido com a essência técnica; natureza como depósito, homem como mero pertencente do destino... Nisso resume-se o esquecimento do ser.

Entender a técnica como *Geschick* significa também entender seu padrão de estruturação do fazer humano. Este conhecimento das especificidades do desocultamento técnico, o entendimento da sua direção, já significa para Heidegger abrir-se para algo libertador. O que isso pode ser, não denomina o autor, mas o seu protesto enérgico contra o entendimento da técnica como destino inexorável da época deixa transparecer a esperança que além da técnica moderna e sua maneira específica de desocultamento exista uma alternativa. (BRÜSEKE, 1996, p. 5)

A relação de Heidegger com a técnica moderna é crítica. Ele chama a atenção para o produzir na perspectiva do descobrimento, que mesmo quando se mostra como desocultamento, recai na causalidade em sua perspectiva instrumental, ou seja, o homem é material humano, aplicado a objetivos pré-definidos.

Para Heidegger (2007), a essência da técnica moderna baseia-se na armação. A armação, na perspectiva heideggeriana, está relacionada

ao desabrigar, ao destino e, conseqüentemente, ao perigo. Esse tipo de armação é desafiadora e encobre o desabrigar, enquanto produzir e, até mesmo o desabrigar que conduz ao descobrimento, a verdade.

A essência da técnica repousa na armação. Seu imperar pertence ao destino. Porque o destino leva toda vez o homem a um caminho de desabrigar, este permanece a caminho sempre à margem da possibilidade de apenas perseguir e perpetuar o que se desabriga no que é requerido e a partir dali tomar todas as medidas. Por meio disso tranca-se a outra possibilidade, de que o homem, sempre mais cedo e sempre mais inicialmente, se entregue à essência do que se descobre e de seu descobrimento, para experimentar o pertencimento empregado ao desabrigar como sendo a sua essência. Uma vez levado a estas possibilidades, o homem está, a partir do destino, colocado em perigo. O destino do desabrigamento é, enquanto tal, em todos os seus modos, um perigo, e, por isso, necessariamente um perigo. (HEIDEGGER, 2007, p. 389)

A armação, entrelaçada ao requerer, impossibilita o olhar para o acontecimento do desabrigar e põe, dessa maneira, em perigo a relação com a essência da verdade.

A armação impede o aparecer e imperar da verdade. O destino, que no requerer manda, é, assim, o extremo perigo. A técnica não é o que há de perigoso. Não existe uma técnica demoníaca, pelo contrário, existe o mistério da sua essência. A essência da técnica, enquanto um destino do desabrigar, é o perigo. [...] O domínio da armação ameaça com a possibilidade de que a entrada num desabrigar mais originário possa estar impedida para o homem, como também o homem poderá estar impedido de perceber o apelo de uma verdade mais originária. (HEIDEGGER, 2007, p. 390)

Mas afinal, que é isto – a técnica? Para que serve a técnica? Ou seria mais adequado questionarmos quem serve à técnica? Será que o homem permitirá que a técnica o ultrapasse? Ora, a técnica apontada por Heidegger ainda é manifesta: a técnica moderna se fortalece na con-

temporaneidade, a máquina ainda não é pensada a partir da essência da técnica, mas apenas no que é requerido. E para essa técnica onde tudo é *Bestand* (recurso), Heidegger assinala a ética da finitude.

A finitude, isto é, a condição de finito, traz a luz que tudo tem seu fim, acaba; se a técnica for abordada através de sua essência, não pelo que ela é, mas na sua relação homem- mundo, estaremos aptos a viver de acordo com a ética da finitude, não como obrigatoriedade, nem como leis e regras – afinal a ética não se limita a isso, mas como modos de morar juntos, ou seja a relação homem-mundo-técnica e suas derivações, que não pode ser imperialista, mas livre. A essência da técnica nos remete ao próprio modo de ser do homem.

Definir a técnica como uma maneira de desocultamento significa entender a essência da técnica como a verdade do relacionamento do homem com o mundo [...] O desocultamento técnico moderno, como sendo exclusivamente técnico, esquece este outro lado do desocultar, que é a permissão limitada, dada pelo próprio Ser, de participar no seu segredo. (BRÜSEKE, 1996, p. 4)

É na verdade que encontramos a essência. A verdade se mostra no mistério do desabrigamento. Enquanto a técnica for versada como instrumento, estará presa a ela a vontade de dominá-la. De acordo com Heidegger (2007) a essência da técnica é ambígua. Tal ambiguidade assinala para o mistério de todo desabrigamento, isto é, a verdade.

Heidegger (2007, p. 396) ressalta ainda que “[...] a essência da técnica não é nada de técnico, por isso a meditação inicial sobre a técnica e a discussão decisiva com ela devem acontecer num âmbito que, por um lado, está aparentando com a essência da técnica e, por outro, no entanto, é fundamentalmente diferente dela”. O âmbito ao qual o autor se refere é a arte, mas apenas quando a meditação artística não se fechar a constelação da verdade, pela qual ele questiona.

Aberturas conclusivas

O fim sempre se mostra como abertura; abertura para o novo; abertura para o desconhecido; o fim também é descoberta, é novo começo. Mas este – o fim, também é desocultamento? Preferimos tratar do fim como abertura para novas possibilidades. Tentar compreender a técnica a partir de um questionamento evidenciou o quão ampla e necessária é essa discussão.

Desse modo não chegamos ao fim, mas apenas ao começo de novas inquietações em torno dessa temática. Ficou claro que Heidegger deixa um importante legado nas questões relacionadas a técnica. Ele faz um desvelamento sobre a técnica moderna até então pouco abordada ou mesmo, versada como assunto sem necessidade de investigação filosófica.

A argumentação de Heidegger acerca da técnica possui um norte no distanciamento da ideia do conceito tradicional da técnica (técnica apenas como instrumental). O filósofo não discute a visão instrumental como falsa; pelo contrário, a técnica é instrumental.

Nisso encontramos a essência, na verdade. A verdade se mostra no mistério do desabrigo. Enquanto a técnica for imaginada como instrumento, estará presa a ela a vontade de dominá-la.

Heidegger, de modo algum teme a tecnologia, mas sim sua supremacia imperialista, ou seja, sua transformação em único modo de ser, que, por conseguinte, pode destruir tudo que é mais íntimo do homem: o pensar, distanciando-o não só da essência daquilo que ele desabriga, como também de sua própria essência.

Referências

BRÜSEKE, Franz Josef. *Heidegger como crítico da técnica moderna*. Paper do NAEA 71, janeiro 1996. Disponível em: <www.naea.ufpa.br/pdf.php?id=144> Acesso em: 12 mai. 2016.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In.: *Scientia e Studio*. São Paulo, v. 5. n. 3, 2007, p. 375-398. Disponível em: <www.revistas.usp.br/ss/article/download/11117/12885>. Acesso em 19 abr. 2016.

_____. Que é isto- a Filosofia? In: ____ *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução, introduções e notas de Erenildo Stein. 2. ed.-São Paulo: Abril Cultural, 1983.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia 6: de Nietzsche à Escola de Frankfurt*. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006.